

Cristina Saraiva - Clipping 3



MÚSICA Lui Coimbra era músico acompanhante e Cristina Saraiva não canta, mas ambos brilham em CDs

Festa cheia de convidados

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Ouro e Sol

Lui Coimbra
Rob Digital
R\$ 25, em média



Só Canção

Cristina Saraiva
Independente
R\$ 25, em média

Adalto Alves

Da editoria do DMRevista

■ Diário da Manhã, Goiânia, quarta-feira, 8 de outubro de 2003

Só Canção, de Cristina Saraiva, é um disco de autora. Generoso e adorável. Os nomes citados na capa servem de amostra: Chico Buarque, Clarisse Grova, Dante Ozzetti, Edu Santana, Leila Pinheiro, Paula Santoro, Ná Ozzetti, Renato Braz e Simone Guimarães. Estes são apenas os intérpretes das 12 faixas de *Só Canção*. Simone, Paula e Clarissa cantam duas músicas cada uma, no total.

Bom, mas e a Cristina Saraiva? Cristina é autora de todas as letras. Ela também assina a produção, enquanto Maurício Maestro, do Boca Livre, a acompanha na direção musical e nos arranjos. Os convidados ilustres não param por aí. As letras de Cristina são musicadas por Rafael Altério, Felipe Radicetti (que forma o Super Lisa com Clarisse), Simone, Dante, Théó de Barros, Edu e Clarisse de novo, neste disco.

Os músicos que compareceram ao estúdio para participar do projeto são alguns dos melhores disponíveis na praça: Leandro Braga (piano), Jurim Moreira (bateria), Jorge Helder (baixo acústico), Beto Cazes (percussão), Fernando Gama (violão), Zé Nogueira (sax soprano) e outros luminares. Surpreende, portanto, que *Só Canção* seja independente, gravado no começo do ano (contato@cristinasaraiva.com).

Raro, *Só Canção* é prova cabal de que as discussões sobre a morte da MPB são sazonais e ociosas. A qualidade deste CD é de invejável robustez. E de lânguida sensualidade. Imperdível.

programa

Renato Motha
Amores Gêmeos
Cabra-cega
Todo

Part. especial: Luciana Alves na música Cabra-cega e Zeca Lobato nas demais.

Cristina Saraiva e Felipe Radicetti
Indiviso
Na corda bamba
Alem-mar

Intérprete: Márcia Tauri

Zé Alexandre
Me joga na parede, me chama de Igaritza
Ordo está você
Bons tempos

Marco Vilane
Avesso
Lamento
Nem sempre

Governo do Estado de São Paulo
Governador Geraldo Alckmin

Secretaria de Estado da Cultura
Secretária Clauda Costin

Departamento de Artes e Ciências Humanas
Diretor Cristóvão Medina

Produção
Lúcia Arellano (coordenador)
Grega Quintanilha
Nivaldo Shino
Fernando Saraiva
Eliadair Del Moral
Marta das Graças de Jesus
Andréa Fatima

Comunicação
Eliana Peles
Daniela Moura Ribeiro

Assistência à produção
Edson Becker Dias
João Pedro de Oliveira Lima
Marta Aparecida Pereira Fiam
Rivadávia Aparecida da Silva
Willian Colapucci

Apoio administrativo
José Ronaldo Silva
Sarah Lins de Almeida Conceição
Angélica Zamboni
Mauro Crestini

Projeto Gráfico
Rone Papa


Projeto e Assessoria
Halter Altman

Festival de Música Popular Brasileira de Taubaté
Organizador Maestro Antonio Carlos Neves Campos

Festival de Música Popular Brasileira de Avaré - FAMPOP
Organizador Juca Novais

Festival de Música Popular de Ilha Solteira
Organizador Ricardo Wagner Félix

Festival de Música da Primavera de São José do Rio Pardo - FEMP
Organizador Maestro Agenor Ribeiro Netto



CIRCUITO PAULISTA DE FESTIVALS

a música do Brasil
no interior de São Paulo

CIRCUITO PAULISTA DE FESTIVALS

O CIRCUITO PAULISTA DE FESTIVALS foi criado em 2001 pela SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA como forma de fomentar aos 4 principais e mais tradicionais festivais de MPB do interior do Estado de São Paulo: Taubaté, Avaré, Ilha Solteira e São José do Rio Pardo. Vale lembrar que artistas hoje reconhecidos como Lenine, Chico César e Zeca Baleiro, dentre outros, foram revelados nessas festivais.


Os vencedores de cada festival apresentam-se juntos em um único show na capital - este ano no Memorial da América Latina -, importante oportunidade para a difusão das obras de novos talentos da MPB e assim torná-las conhecidas do grande público e da mídia.

Em 2001 o CIRCUITO PAULISTA DE FESTIVALS trouxe para os palcos do Theatro São Pedro nomes como Renato Motha (Taubaté), João Lourenço (Avaré), Rafael Altiéro e Kabeir Albuquerque (São José do Rio Pardo) e Eudes Fraga (Ilha Solteira).


No presente show a SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA tem o prazer de apresentar os vencedores de 2002 dos festivais de Taubaté, Avaré, Ilha Solteira e São José do Rio Pardo - Renato Motha, a dupla de compositores Cristina Saraiva e Felipe Radicetti, Zé Alexandre e Marco Vilane, respectivamente.

Hoje o CIRCUITO PAULISTA DE FESTIVALS já representa um dos maiores encontros do gênero no país e possibilita a aproximação e a troca de experiência entre os músicos envolvidos com a MPB, promovendo um desenvolvimento qualitativo do cenário musical brasileiro. Esse fato mostra o trabalho que a SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA vem realizando na direção da revelação de novos talentos nas diversas áreas artísticas, tornando o CIRCUITO PAULISTA DE FESTIVALS um importante ponto de encontro entre os novos profissionais da música e o cenário de talentos musicais fora dos grandes centros.


Renato Motha
Belo Horizonte, MG
Vive e trabalha em Belo Horizonte




Cristina Saraiva
Rio de Janeiro, RJ
Vive e trabalha no Rio de Janeiro



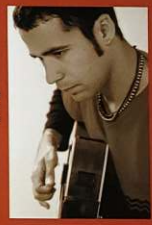
Felipe Radicetti
Rio de Janeiro, RJ
Vive e trabalha no Rio de Janeiro



Zé Alexandre
São Cristóvão, RJ
Vive e trabalha no Rio de Janeiro



Marco Vilane
Jequié, BA
Vive e trabalha em São Paulo



Identificado pelo maestro Antonio Carlos Neves Campos, em 1992, o **FESTIVAL DE MÚSICA POPULAR BRASILEIRA DE TAUBATÉ** é um dos mais tradicionais encontros de músicos do país e espaço privilegiado para talentos em ascensão. Organizado anualmente pelo Conservatório Musical de Taubaté - órgão da Secretaria de Estado da Cultura - o festival atrai músicos de todo o Brasil proporcionando um intercâmbio entre as diversas tendências da música. Na edição de 2002 o vencedor foi o cantor Renato Motha.

Cantor e compositor, Renato Motha iniciou sua carreira musical na infância. Na década de 90 lançou os CDs Brasileiro (1994), Amarelo (1998), Trina das Mãos (1999) e Antigas Canções Brasileiras (1999) e mais recentemente o CD Todo (2001). Dentre os prêmios que recebeu, destacam-se o de Cantor Revelação concedido pelo jornal O Estado de Minas (1982), o troféu Pró-Música de melhor cantor mineiro (1998), o Prêmio Movimento de Música de São Paulo como revelação (1999) e 5º lugar na 3ª edição do Prêmio Visa 2000 como compositor. Foi vencedor do Festival de Música de Taubaté em 2001 e 2002.

Um dos principais indicadores de novas tendências na música popular brasileira, o **FESTIVAL DE MÚSICA POPULAR BRASILEIRA DE AVARÉ** foi criado em 1993 pelo cantor e compositor Juca Novais. O festival revelou importantes artistas como Chico César, Rita Ribeiro, Zeca Baleiro, Moacyr Luz, Celso Valória, Luiz Carlos da Silva, Sérgio Sampaio, dentre outros, e foi homenageado pelo respeitado crítico Zeca Homem de Melo o "melhor festival regional do Brasil". Em 2002 os vencedores foram Cristina Saraiva e Felipe Radicetti.

Há mais de oito anos trabalhando na área musical, Cristina Saraiva fundou o selo de MPB Trê Musical pelo qual lançou cantores como Simone Guimarães e Giselle Werfing. Compositora e lettrista, foi vencedora do Prêmio Visa 2000 (poesia/compositores) e colaboradora para o Festival de Música Brasileira da Rede Globo. Primeira mulher a vencer o Festival de Taubaté, Cristina Saraiva reuniu o melhor de sua produção musical no CD Primeiro Chamar, que tem participações de artistas como Sérgio Sampaio, Jorge Venâncio, Kiko Zamboni, Leandro Braga, Márcio Maestro, Sílvio Guimarães.

Organista graduado pela Escola Nacional de Música da UFRJ e membro do Royal College of Organists, o compositor e lettrista Felipe Radicetti atua também como arranjador e diretor musical. Foi semifinalista do Prêmio Visa 2000 e classificado para o Festival de Música Brasileira da Rede Globo. Dentre os prêmios que recebeu destacam-se o melhor intérprete do Festival de Santos e do longa metragem Castelo Azeite, de Silvio Tysler. Seu CD Primeiro Chamar tem a participação de músicos como Lúcia Borges, Cláudio Mucci, Geraldo Azevedo e Clara Sant'anni.

A intérprete **Márcia Tauri** - considerada a mais nova revelação de MPB - vem se firmando no cenário musical brasileiro. Participou de diversas festivais e em 1999 lançou seu primeiro CD solo - *Aparição de Cidades* - que teve *Calypso* destaque nas rádios. Atualmente, trabalha em fase de produção de seu segundo CD - *Sempre no Verão* - com a obra de *Edmundo Guilli e César Netto*.

Márcia Tauri
Guarulhos, MG
Vive e trabalha em Moscou, SP

Organizado pela Prefeitura Municipal de Ilha Solteira, o mais antigo festival do Estado de São Paulo (ocorre desde 1971) vem se consolidando entre os principais festivais do interior paulista. O **FESTIVAL DE MÚSICA POPULAR DE ILHA SOLTEIRA** já reuniu nomes importantes da música, hoje, como Zé Alexandre, Eudes Fraga, Renato Motha, Zé Geraldo, Rafael Altiéro, Jota Maranhão e Paulo Padilha. Em 2002 o vencedor do festival foi o cantor Zé Alexandre.

Compositor, violonista e arranjador, Zé Alexandre (José Alexandre Gomes Coelho da Rocha e Silva) iniciou sua carreira musical em Brasília. Participou de diversos festivais ao lado de seu pai, Oswaldo Montenegro, dentre os quais Os Menestres, A dança dos signos e Capitães de Areia. Neste último, atuou como ator, diretor musical e autor dos temas musicais. Deixou a música Bandolinis, em parceria com Oswaldo Montenegro no Festival de Música da TV Tupi (1979) e Estrelas no Festival dos Festivais da Rede Globo (1985). Em 1999 lançou o CD independente Zé Alexandre Ao Vivo.

Criado em 1984 pelo maestro Agenor Ribeiro Netto o FEMP - como é conhecido o **FESTIVAL DE MÚSICA DA PRIMAVERA DE SÃO JOSÉ DO RIO PARDO** -, é considerado um dos mais importantes festivais de música popular do Brasil e palco permanente de novos talentos. Passaram pelo FEMP nomes como Celso Valória, César Brunetti, Nilson Chaves, Vital Lima, Eudes Fraga, Paulo César Festal, Jean Garfunkel, Marco Vilane, dentre outros. Na edição de 2002 o vencedor foi o baiano Marco Vilane.

Marco Vilane surge no cenário musical nordestino em 1997, apresentando-se em bares de cidades como Salvador, Vitória da Conquista, Aracaju e Recife. Destaque na edição de 2001 do festival SESC/ANAC e no FAMP (Festival Aberto de Música Popular), vem conquistando público e crítica com seu trabalho amadurecido musicalmente. Venceu o Festival de Música da Primavera de São José do Rio Pardo com a música Avesso, nome de seu CD em fase de lançamento.



GISA

| | | | |
|---------|------------------------|--------|----|
| Cliente | CRISTINA SARAIVA | | |
| Veículo | O ESTADO-FLORIANÓPOLIS | | |
| Data | 25/08/2003 | | |
| Seção | VARIEDADES | Página | 15 |

Rua Traipu, 547 - CEP 01235 000 - São Paulo - SP - Fone/Fax: (11)3667 7532 - 3667 1843 - 3667 4208 - 3826 3713 - 3826 1048

Vozes consagradas premiam nova filha da MPB

Premiada em festivais pelo Brasil afora, Cristina Saraiva, entretanto, nunca teve o devido reconhecimento, a não ser de colegas consagrados, como Chico Buarque, por exemplo. Muito mais compositora do que intérprete, Saraiva está em seu segundo CD, Só Canção, pela CID.

Saraiva empresta sua voz a uma única canção do disco, Pequena Cantiga de Amor, que fecha o trabalho. Nas onze faixas anteriores, suas ternas composições são interpretadas por belas vozes, que vão de Renato



Braz, na forrozeira Rosa Cigana, passam pela tranquilidade de Chico Buarque e pela beleza de Ná Ozetti e Leila Pinheira. Há de se abrir as portas para o refinamento dessa nova filha da MPB.

Só canção

Cristina Saraiva chega a Fortaleza para lançar o seu segundo CD, *Só Canção*. A compositora carioca faz show hoje, às 12h e 18h30min, no Centro Cultural Banco do Nordeste, com as participações de Aparecida Silvino e dos músicos Marcus Vinnie e Carlinhos Patriolino

No eixo Rio-São Paulo, Cristina Saraiva recebe o aval de nomes significativos da música popular brasileira - a começar pelo mestre Chico Buarque que diz a respeito de seu trabalho: "é todo muito bom, as letras são ótimas. Passo o bastão".

Com oito anos dedicados à música, a compositora carioca já colocou no mercado o CD *Primeiro Olhar*, final de 2001, produzido por ela e Maurício Maestro (grupo Boca Livre). Nele, pode-se encontrar a mescla entre intérpretes e grandes compositores da atualidade. Com ele, participou de variados especiais para rádios, como a Universitária FM (Fortaleza-CE) e Educativa (Curitiba-PR).

No currículo, Cristina tem a seu favor a etapa semifinal do Prêmio Visa (2000), edição compositores, tendo uma música classificada para o Festival da Música Brasileira (Rede Globo). Arrebatando o prêmio de melhor letra durante o Festival de Tatui, conheceu outros compositores que, mais tarde, viriam a se tornar amigos, como Jorge Vercilo, Kiko Zamarán, Márcia Taulil, entre outros.

Dando continuidade ao trabalho vindo de 96 para cá, Cristina chega trazendo *Só Canção*, segundo trabalho, desta vez dirigido e arranjado por Maurício Maestro, além de contar com a participação primorosa de um elenco de peso composto por Chico Buarque, Leila Pinheiro, Nã Ozzetti, Dante Ozzetti, Simone Guimarães, Clarisse Grova, Renato Braz, Paula Santoro e Edu Santana.

Para mostrar ao público fortalezense as canções do segundo CD, Cristina Saraiva é a atração de logo mais, ao meio-dia e às 18h30min, por



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Cristina Saraiva: show hoje, no CCBN, e na próxima quarta-feira, no Centro Cultural Oboé

ocasião do programa "Cultura Musical", no Centro Cultural Banco do Nordeste (Centro). No pequeno palco, ela recebe a participação da cantora cearense Aparecida Silvino e dos músicos Marcus Vinnie e Carlinhos Patriolino. A entrada, como de praxe, é franca.

Em *Só Canção*, todas as composições são inéditas e elaboradas na companhia de parceiros diversos, como é o caso de Felipe Radicetti, Edu Santa e Simone Guimarães, esta última tendo seus dois CDs - *Cirandeiro* e *Aguapé* - produzidos por ela. Cristina também esteve à frente de *Diamantes*, da cantora Giselle Martine, que contou ainda com as presenças de Zé Renato, Elba Ramalho, Chico Buarque, Danilo Caymmi e Ivan Lins.

No caso de Aparecida Silvino, que participa do lançamento de *Só Canção* em Fortaleza, esta irá interpretar todas as 11 faixas do CD; Cristina, no entanto, irá recitar alguns poemas. Na próxima quarta-feira, no entanto, Cristina Saraiva irá se apresentar no Centro Cultural Oboé (Aldeota), no horário das 19 horas.

SERVIÇO

Só Canção - Lançamento do CD da carioca Cristina Saraiva com a participação da cantora cearense Aparecida Silvino, acompanhada dos músicos Marcus Vinnie e Carlinhos Patriolino. Hoje no Centro Cultural Oboé (rua Maria Tomásia, 531 - Aldeota), às 19 horas. Info: 264 7038. Grátis.

OPÓVO
FORTALEZA-CE, QUARTA-FEIRA, 17 de março de 2004

vida & arte



CULTURA

CORREIO BRAZILIENSE

Brasília, quinta-feira, 2 de outubro de 2003
Editor: Claudio Ferreira // claudio.ferreira@correioweb.com.br
Subeditores: Hélio Franco, Marcos Rossi e Sérgio Maggio
e-mail: cultura@correioweb.com.br
Tel: 342 1178 • 342 1179

SÉRGIO MAGGIO
DA EQUIPE DO CORREIO



Cristina Saraiva/ POESIA EXPOSTA

Cristina Saraiva abre caminho pouco desbravado no Brasil. Compositora de essência, ela arregimentou espécie de *dream team* para dar voz às músicas do disco *Só canção* — Chico Buarque e Leila Pinheiro encabeçam as ilustres participações. Com produção própria, o álbum reúne 12 parcerias de Cristina com parte da nova geração da MPB. Felipe Radicetti & Clarice Groova (*Supertisa*), Ná e Dante Ozzetti, Simone Guimarães são alguns deles.

As canções de Cristina Saraiva recuperam lirismo da MPB. Na primeira audição, soam tradicionais. No entanto, as sutilezas das composições revelam trabalho peculiar, no qual melodia e letra se encontram com precisão. É o caso da faixa *Mestre Narciso*, interpretada pela promissora Simone Guimarães, uma das cantoras

de Milton Nascimento em *Pietà*. Poesia cresce junto com a música de forma impressionante.

“Acho que essa busca obsessiva pelo novo e pelo moderno provoca perdas, não se justifica. Não penso em trazer novidades com minha música. Não é minha proposta ser vanguarda, meu compromisso é com o belo e o esteticamente bem feito, com a valorização das letras, que vem se perdendo com o tempo”, defende Cristina.

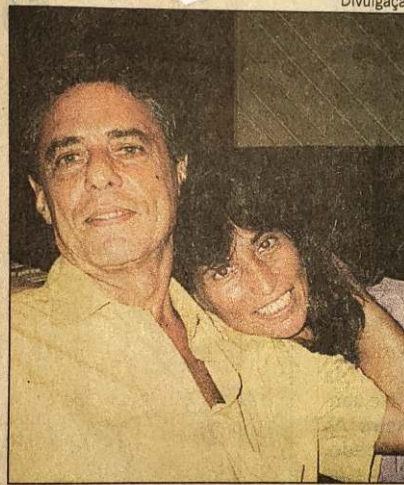
O disco é realmente ode ao belo, à boa música popular brasileira, dos bons tempos de culto e reverência à MPB. Há sucessão de canções excepcionais no disco de Cristina Saraiva. *Além-mar*, com Clarice Groova, *Só canção*, com Dante Ozzetti, *Beijo*, com Simone Guimarães, formam uma tríade preciosa. A opção de mesclar os intérpretes, no entanto, causa certo incômodo. Talvez, ficasse melhor se o número de participações fosse reduzido. No entanto, as canções de Cristina Saraiva por si só garantem a unidade estética.

Sábado, 14 de junho de 2003

O GLOBO



Divulgação



UMA DAS feras da MPB que gravaram faixas do CD "Só canção", de Cristina Saraiva, Chico Buarque empolgou-se com o resultado final do trabalho (que chega às lojas mês que vem) e cobriu de lantejoulas a compositora: "Agora, quando me vierem pedir letra, vou mandar pra você. Passo meu bastão", disse o mestre

Segunda-feira, 14 de junho de 2004

O GLOBO

SEGUNDO CADERNO • 3



Divulgação

CRISTINA SARAIVA: a autora se apresenta ao lado de Clarice Grova

A canção é defendida no palco

A letrista Cristina Saraiva lança seu segundo disco hoje no Mistura Fina

Hugo Sukman

Fora do palco, todo o esforço da letrista Cristina Saraiva é demonstrar que, não, a canção popular brasileira, aquela sofisticada junção entre melodia e letra, não morreu nem sofre qualquer crise de criatividade. No palco do Mistura Fina, hoje e amanhã à noite, ela não precisa de esforço: ao lado da cantora Clarice Grova, do pianista Leandro Braga e do violonista Silvío D'Amico, apenas vai mostrar suas belas can-

ções, que comprovam sua tese fora dos palcos.

O show marca o lançamento no Rio, terra da letrista, de "Só canção", segundo CD com suas composições. São parcerias de Cristina com compositores sofisticados que vão do veterano Theo de Barros ("Amor de poeta", no disco cantada por Leila Pinheiro, e "Eterna canção") a revelações da nova geração como Rafael Altério, Felipe Radicetti, Dante Ozzetti, Clarisse Grova, Edu Santana, Simone Guimarães, até autores pop como Jorge Vercilo.

Como há parceiros e cantores de vários estados, em cada local que Cristina se apresenta ela conta com participações locais. No Rio, contudo, além da carioca Clarice Grova, ela chamou o paulista Rafael Altério, que puxa das letras de Cristina uma face rural, interiorana, muito presente apesar de ela ser carioca.

Chico Buarque recomenda os "serviços" de Cristina

Uma dessa canções com Altério é "Meia-volta", que no disco é cantada por Chico

Buarque, um dos maiores incentivadores de Cristina e que já declarou não hesitar em "passar o serviço" para a letrista quando alguém pedir letras de música e ele estiver ocupado com um romance.

Raro caso de mulher só letrista, Cristina não canta — no palco funciona como uma espécie de apresentadora da própria obra — por isso em seus discos recorre a cantores como Leila, Chico, Clarice, Ná Ozzetti, Monica Salmaso, Renato Braz e Simone Guimarães, entre outros. ■



Cliente: Cristina Saraiva
Veículo: Correio Brasiliense
Página:8

Data: 2/10/2003
Seção: matéria de capa

CONTINUAÇÃO DA CAPA
MISTURA DE MPB COM CULTURAS UNIVERSAIS, PROJETO SÓ DE COMPOSIÇÕES, PESQUISA DE SONO

CAMINHOS CRUZA DOS



Cristina Saraiva/☆☆☆ POESIA EXPOSTA

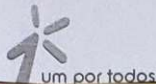
Cristina Saraiva abre caminho pouco desbravado no Brasil. Compositora de essência, ela arregimentou espécie de *dream team* para dar voz às músicas do disco *Só canção* — Chico Buarque e Leila Pinheiro encabeçam as ilustres participações. Com produção própria, o álbum reúne 12 parcerias de Cristina com parte da nova geração da MPB. Felipe Radicetti & Clarice Groova (*Superlisa*), Ná e Dante Ozzetti, Simone Guimarães são alguns deles.

As canções de Cristina Saraiva recuperam lirismo da MPB. Na primeira audição, soam tradicionais. No entanto, as sutilezas das composições revelam trabalho peculiar, no qual melodia e letra se encontram com precisão. É o caso da faixa *Mestre Narciso*, interpretada pela promissora Simone Guimarães, uma das cantoras

de Milton Nascimento em *Pietá*. Poesia cresce junto com a música de forma impressionante.

“Acho que essa busca obsessiva pelo novo e pelo moderno provoca perdas, não se justifica. Não penso em trazer novidades com minha música. Não é minha proposta ser vanguarda, meu compromisso é com o belo e o esteticamente bem feito, com a valorização das letras, que vem se perdendo com o tempo”, defende Cristina.

O disco é realmente ode ao belo, à boa música popular brasileira, dos bons tempos de culto e reverência à MPB. Há sucessão de canções excepcionais no disco de Cristina Saraiva. *Além-mar*, com Clarice Groova, *Só canção*, com Dante Ozzetti, *Beijo*, com Simone Guimarães, formam uma tríade preciosa. A opção de mesclar os intérpretes, no entanto, causa certo incômodo. Talvez, ficasse melhor se o número de participações fosse reduzido. No entanto, as canções de Cristina Saraiva por si só garantem a unidade estética.



TAMBORES

Edição 02 - Agosto de 2003

Cliente: Cristina Saraiva
Veículo: Tambores
Página: 1

Data: agosto/2003
Seção: chamada de capa

CRISTINA SARAIVA



A trajetória de uma compositora.

PÁGINA 8

A ARTE DE FAZER DISCOS E AMIGOS

Maurício Gouvêa

Livros e discos, cujo pressuposto é o fato de serem frutos de efêmeras artísticas, tem a peculiaridade de serem levados para nossa casa, para o nosso dia-a-dia, para a nossa vida. A identificação com um autor/artista leva o leitor/ouvinte a tê-lo, muitas vezes, como alguém íntimo, já que, de parte a parte, há uma troca, uma entrega, uma cumplicidade. Uma velha canção já dizia: "eu quero uma casa no campo... onde eu possa plantar meus amigos, meus discos e livros e nada mais". Pois é, livros e discos, por muitas vezes, tornam-se nossos grandes amigos.

Por isso, encontrar pela primeira vez a compositora Cristina Saraiva para um bate-papo sobre seu novo disco "SÓ CANÇÃO" (CID) não leve para mim o componente do inesperado: suas canções já estavam tão enraizadas no meu cotidiano que eu poderia considerá-la uma velha conhecida. Afinal, alguém que compôs uma canção como "Relento", na minha opinião uma de suas mais belas criações, de alguma forma já conhecia os alicerces para a minha emoção. Quando ouvi a canção "Beijo" (parceria com Simone Guimarães), que traz na sua simplicidade uma rara exatidão, fiz de Cristina alguém da minha convivência mais próxima, ainda que ela nunca desconheciasse disso. Para este encontro, além da alegria que seria conhecê-la pessoalmente, eu alimentava minha curiosidade em saber o que a levou a ser esta talentosa letrista, vocação descoberta, de certa forma, tardiamente.

Com uma prosa prá lá de gostosa, Cristina contou que a música sempre foi parte de sua vida e os compositores Sidney Miller, Chico Buarque e Ruy Maurity (principalmente na figura de seu maior parceiro, o letrista José Jorge) eram seus grandes ídolos. Ela lecionou como professora de História até meados dos anos 90 quando, ao perguntar aos seus alunos se eles conheciam Chico Buarque, ouviu um surpreendente "não". A partir daquele momento Cristina se entregou a um projeto chamado "Memória musical brasileira", percorrendo várias escolas e mostrando os grandes compositores da nossa música através de palestras e apresentações musicais, tendo o suporte da cantora Giselle Martine e do violonista Marcelo Lessa. Na sequência, resolveu investir na criação de seu próprio selo, Tiê Musical. Sua



primeira produção foi justamente o disco de Giselle, no qual teve suas duas primeiras músicas gravadas, "Criador de Ilusão" e "Alma Guerrilheira", parcerias com Alvaro Soggi (de quem recebeu os maiores dicas para começar a compor) e Cláudio Matta.

Cristina conta sua trajetória encantadora e corajosa com a naturalidade de quem sempre fez as coisas com muito "pé no chão". Quem pensa que ela quis alçar vãos além de suas possibilidades, está muito enganado. E assim ela tocou seu projeto de vida, sem sonhos impossíveis. O encontro artístico com Simone Guimarães acendeu a chama de sua segunda produção para a Tiê, o excelente disco "CIRANDEIRO". Nele Cristina iniciou sua vitoriosa parceria com Simone e perpetuou algumas canções como "Laranjeiras" e "Estrela do meu bem querer", emplacando ainda com ela no ano de 1998 o disco "AGUAPE". Os dados estavam lançados e as perspectivas nesta nova empreitada pareciam interessantes. A participação em vários Festivais pelo Brasil desaguiou em novas parcerias e era natural que o disco "PRIMEIRO OLHAR" (de 2001) surgisse como uma forma de Cristina reunir estas canções num CD autoral. Este belo trabalho reforça a sua importância como letrista num cenário em que mulheres são um caso inexpressivamente raro neste

ofício. Numa tentativa de lembrar o nome de mulheres essencialmente letristas na música brasileira atual (não considerando cantoras ou melodistas que também escrevem letras) fiquei vários segundos em silêncio. Os nomes de Ana Terra e Rita Altério surgem na mente. Ainda é muito pouco. Parei de pensar.

A música é o que inspira Cristina a escrever. E muito raro ela escrever uma letra antes de uma melodia. Ela conta que nas poucas vezes em que isso aconteceu ("Canção para um pianista", com Simone, e "Amor de poeta", com Théo de Barros, por exemplo) ela fez baseada em alguma métrica melódica que vagava em seu inconsciente, e que foi, por sorte, plenamente captada pelos seus parceiros. Mas ela confessa ter um certo "medo" disso: "e se eu não gostar da música que alguém colocar na minha letra, como faço? É mais fácil eu jogar o problema para o parceiro e colocar uma letra na melodia dele", diz Cristina em meio a um sorriso encolado. É fácil perceber na sua arte a continuidade de uma linhagem de grandes letristas por vocação que foram pilares da chamada "MPB" atual. E é justamente isso o que salta aos ouvidos em "SÓ CANÇÃO". As parcerias com Théo de Barros, Rafael Altério, Felipe Radicetti, Edu Santana, Simone Guimarães, Dante Ozetti e Clarisse Grova são todas frutos da matura-

ção de sua arte, que ainda está em amplo processo de evolução. Agora não há razão para Cristina não ser bem mais requisitada para municiar os discos de muitos intérpretes brasileiros. As participações de Chico Buarque (na bellissima "Mela-Volta") e Lella Pinheiro são verdadeiros atestados de credibilidade à música desta compositora, que ainda conta com o talento vocal de Renato Braz, Paula Santoro, Clarisse Grova e Ná Ozetti. Cria-se também com "SÓ CANÇÃO" o interessante formato de uma carreira fonográfica de letrista. É bem verdade que disco de letrista não é novidade no Brasil, mas a questão da continuidade da obra fonográfica parece conter um componente de ineditismo que faz dela uma desbravadora, principalmente pelo fato de Cristina não tocar nenhum instrumento ou ser a intérprete de suas composições. É ainda mais curioso ver na sua página na Internet (www.cristinasaraiva.com) um link para "Agenda de shows". Nós temos boas gargalhadas com esta situação inusitada — a possibilidade para a turnê de uma letrista — mas o fato é que o primeiro show de "SÓ CANÇÃO" já está marcado e deverá seguir pelo Brasil com uma formação instrumental simples (piano, violão e percussão) e o vocal de Clarisse Grova.

Deixo a conversa com Cristina com a certeza de que a vejo num caminho que poderá ter desdobramentos interessantes não só para a carreira, mas também para a música brasileira como um todo. Muitas vezes o distanciamento temporal nos permite avaliar um trabalho de forma diferente e alguns clássicos da nossa música acabaram ganhando este adjetivo graças à sua importância histórica. Se hoje o trabalho de Cristina ainda carece de divulgação e conhecimento por parte de muitos, a verdade contida em cada canção e em cada disco que lançou e ainda irá lançar será a responsável pela sedimentação de seu papel de compositora no cenário musical brasileiro. Quem se predispõe a ouvir um disco de Cristina tem boas chances de tornar-se seu amigo. Aliás, quando esse alguém menos perceber, isso já terá acontecido. Se um dia eu comprar minha casa no campo, não tenho dúvidas que irei plantar discos do Milton, do Toninho Horta, do Tom, ... e da Cristina.

Maurício Gouvêa é colecionador e pesquisador de música. Escreve para o *Journal International Magazine* e colabora com alguns sites.

Show de lançamento do CD *Só canção*: Dia 03 de setembro. 4ª feira às 21:00hs. Café Teatro Arena, Rua Siqueira Campos 143, (21) 22355348 / Voz: Clarisse Grova e Direção musical: Leandro Braga (Contato - www.cristinasaraiva.com - Tel: (21) 9983-1265)



| | | | |
|---------|---------------------|--------|----|
| Cliente | CRISTINA SARAIVA | | |
| Veículo | A NOTÍCIA-JOINVILLE | | |
| Data | 26/08/2003 | | |
| Seção | ANEXO | Página | C1 |

ou,547 - CEP 01235 000 - São Pau

(11)3667 7532 - 3667 1843 - 3667 4208 - 3826 3713 - 3826 1048

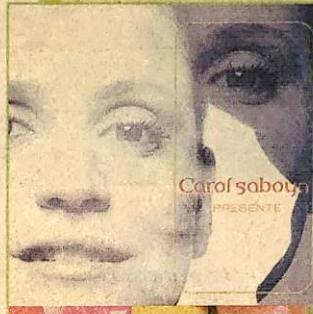
Anexo

O que vale a pena ter em casa

WLADIMIR SOARES
ESPECIAL PARA O ANEXO

Florianópolis — Bons lançamentos no mercado, propícios para quem quiser aumentar a coleção com CDs que valem a pena colocar no *player* e ficar se deliciando com as invenções musicais de artistas populares. A música popular brasileira (MPB) é mesmo muito surpreendente e vive, como naquela música do Lulu Santos, de ondas que alternam coisas geniais com a mais execrada mediocridade. Esse movimento é que acaba provocando as surpresas e, felizmente, temos lançamentos de muita qualidade. E, o melhor de tudo, é que há discos que visitam a MPB mais tradicional, como o extraordinário "Contemporâneos", de Dori Caymmi, e também aqueles que buscam o som da modernidade, como o CD de estréia da cantora Mylene, uma gratíssima revelação. Portanto, é hora de aquecer a economia do País, entrar numa loja de disco e comprar alguns dos CDs que vamos comentar na coluna de hoje. A seqüência de apresentação é, certamente, uma ordem de preferência.

■ WLADIMIR SOARES, crítico de música, wladysouares@ig.com.br



"PRESENTE" (Universal Music) — Carol Saboya é uma cantora que faz MPB tradicional com a modernidade que dispensa instrumentação eletrônica, mas, exige rigor estético nos arranjos. Para tanto, ela conta com arranjos enxutos e requintados do também guitarrista Ricardo Silveira. O disco de Carol guarda muitas semelhanças com o de Dori Caymmi: tem estilo e elegância. Ela canta como se fosse

uma Julie London percorrendo um repertório de MPB que inclui a beleza de "A Mais Bonita", de Chico Buarque.



"CRISTINA SARAIVA — SÓ CANÇÃO" (CID) — O título se justifica: trata-se de um disco com as letras escritas por Cristina Saraiva e que são cantadas por gente como Chico Buarque, Paula Santoro, Renato Braz e Leila Pinheiro. São letras bem elaboradas, boas para se cantar e agradáveis de se ouvir. Cristina usa as palavras para criar imagens poéticas que remetem a um universo antigo, quase parnasiano. E ganha,

de seus parceiros, melodias que conseguem refletir esse universo com muita propriedade e fidelidade.

INTERNATIONAL MAGAZINE

Ano XIV - Edição 96 - R\$ 4,00

O RETRATO DE UMA LETRISTA POR VOCAÇÃO

Maurício Gouvêa *

O que mais me chamou a atenção em "SÓ CANÇÃO" (CID), segundo disco da compositora Cristina Saraiva, é sua decisão de fazer uma carreira fonográfica como letrista. Isto tem para mim um sabor de novidade, ainda que discos de letrista não sejam novidade no Brasil. Abel Silva, Ronaldo Bastos e Fernando Brant tiveram discos lançados nos anos 80 e 90, sempre como projetos especiais. Aldir Blanc comemorou seus 50 anos com um disco cheio de participações. Paulo César Pinheiro, que sempre notabilizou-se como letrista, até tem uma carreira fonográfica em seu nome, porém ele arrisca-se como cantor em todos os seus discos, inclusive em trabalhos ao lado de Eduardo Gudin e da cantora Márcia. Por esta razão, um disco de uma letrista por excelência que não canta nem toca algum instrumento no disco (o caso de Cristina), causa tanto surpresa quanto admiração.

E "SÓ CANÇÃO" não fica só nisso. Seguindo a trilha aberta por "PRIMEIRO OLHAR", seu primeiro e bom disco lançado em 2001 (pelo seu selo Tiê Musical), o novo trabalho traz vários intérpretes para sua nova safra de boas composições. Para quem acompanha o trabalho de Cristina, é possível perceber o amadurecimento de suas letras. A primeira vez que ouvi uma canção sua foi em "CIRANDEIRO", disco belíssimo de Simone Guimarães, que revelava outra faceta de Cristina: a de produtora fonográfica independente. Este e o terceiro disco de Simone, "AGUAPÊ" (também produção sua), foram retratos de uma pessoa que sabia exatamente o que queria naquele momento. Se já havia uma retórica interessante há seis anos atrás, a poesia de Cristina chega ao segundo disco autoral com personalidade e muita versatilidade. O sábio jogo com as palavras surge na deliciosa "Beijo" (c/ Simone Guimarães), canção que já nasceu clássica e tem a

maturidade dos grandes compositores que sabem tirar o máximo do mínimo. Surpreendeu-me o fato de saber que esta é uma canção que estava guardada há anos e só agora recebeu sua primeira gravação. Além desta, Simone também canta "Mestre Narciso" com sua habitual peculiaridade vocal. Renato Braz, outro talento descoberto nos últimos anos, dá uma boa leitura para "Rosa Cigand", uma das duas boas parcerias com Rafael Allério.

A direção musical continua, como no disco anterior, a cargo de Maurício Maestro. Isto, na minha opinião, dá a leveza necessária para que as canções de Cristina possam soar naturais, ensolaradas, principalmente pelo comprometimento dos músicos envolvidos. As parcerias de Cristina podem se consumir tanto com nomes de sua própria geração quanto com verdadeiros mitos da nossa canção popular. Com Théo de Barros nasceram "Amor de poeta" (com Leila Pinheiro) e "Eterna canção" (com a ótima Paula Santoro), composição dedicada à Chico Buarque. Chico, que foi um dos mais ativos convidados em discos outros artistas nas décadas de 70 e 80, passou a ter participações esporádicas a partir dos anos 90 devido à sua grande ocupação em outras áreas culturais. Somente o fato de ele cantar a emocionante "Meia volta" (de Cristina com Rafael Allério) já é uma certeza de que a compositora provoca nele uma grande admiração. A postura corajosa de Cristina está nas mangas que arregaçou e nos obstáculos que enfrentou para chegar nesta fase importante de sua carreira. Em uma de suas composições, "Na corda bamba" (com Felipe Radicelli) ela parece fazer um balanço do que foi sua trajetória de até aqui: "corda bamba eterna / a quem dera eu soubesse para onde seguir / Essa vida quem governa? / já que é inevitável / eu que aprenda a cair." Quem ouvir o disco verá que ela está, mais do que nunca, de pé.

* mgouvea@br.inter.net



Clique aqui e compre o CD mais comentado do momento: Maria Rita. Apenas R\$ 21,90 no Submarino.

Maria Rita Maria Rita

ZiriGuidum

promoção
Revista
do Samba
clique aqui!

extra índice
está escrito arquivo
opinião editorial
fm rebeldia rádio
pela internet sites
nós quem somos
ect newsletter
alô alô contato

saiba como ter
seu site em ZiriGuidum!



Cristina Saraiva

Letrista celebrada com aval de Chico Buarque

Novo CD tem participações de Chico Buarque, Leila Pinheiro e Simone Guimarães

por Beto Feitosa



Letrista inspirada e esperta, Cristina Saraiva lança seu segundo disco, **Só canção**, depois de vários prêmios em festivais e apenas seis anos de carreira. Ela pouco se aventura no microfone, mas não deixa por menos e traz um time dos mais celebrados artistas.

Até quem é normalmente arredo diz presente. Além de cantar *Meia volta*, Chico Buarque endossa as letras de Cristina. "O trabalho de Cristina Saraiva é todo muito bom, as letras são ótimas. Quando vierem me pedir letra, agora, mando pra ela. Passo o bastão...", diz um dos compositores mais festejados da

música brasileira moderna.

Parceira constante desde o primeiro trabalho de Cristina, Simone Guimarães assina e interpreta duas faixas dessa vez, *Mestre Narciso* e *Beijo*. Outra dobradinha em duplicata é com Clarisse Grova, que solta o vozeirão em *Além-mar* e ainda divide com a compositora a faixa que encerra o disco, *Pequena cantiga de amor*.

Leila Pinheiro ficou com a emocionada interpretação de *Amor de poeta*. O piano intimista da própria cantora ganha uma bem vinda cama do violoncelo de Márcio Malard. Essa música marca também a primeira parceria de Cristina Saraiva com Théo de Barros. A dupla também está em *Eterna canção*, cantada por Paula Santoro.

Os afinadíssimos agudos de Ná Ozzetti estão em *Na corda bamba*, enquanto seu irmão Dante leva seus violões para a faixa título, *Só canção*, parceria sua com Cristina. De São Paulo ainda vem Renato Braz em *Rosa Cigana*.

Com direção musical do Boca Livre Maurício Maestro, o CD **Só canção** é um panorama de uma compositora ainda com pouca estrada, mas com talento de léguas. Longe de ser coisa de iniciante.



Submarino CD Cristina Saraiva - Só canção
clique aqui para comprar

Ciranda, samba, choro, toada, baião, ritmos que estão marcados em nosso imaginário, fazem parte do disco.

Cantora paulista e letrista carioca lançam CD

O cd "Sol a Sol" é o resultado de uma feliz junção da voz privilegiada da cantora Lucila Novaes, de São Paulo, com o talento da letrista carioca Cristina Saraiva. Duas artistas bastante premiadas em suas carreiras. Ambas vencedoras de festivais importantes e respectivamente, finalista e semifinalista do Prêmio Visa, em suas versões intérpretes e compositores, Lucila Novaes e Cristina Saraiva se reúnem para a realização desse trabalho musical. Cristina Saraiva já é conhecida dos ilhenses, pois já foi jurada do Festival Nacional de MPB de Ilha Solteira. A produção deste trabalho também contou com a participação da ilhense Marley de Paula, que estréia oficialmente na área da produção musical.

Se considerarmos ainda os arranjos de um expert



LUCILA E CRISTINA

Duas artistas brasileiras bastante premiadas em suas carreiras

como Maurício Maestro, e a seleção de músicos que acompanham a cantora avareense - Leandro Braga, Luiz Brasil, Adriano Giffoni,

Jorge Helder, André Meh-mari, Marcos Feijão, Márcio Malard, Marcelo Bernardes, João Carlos Coutinho e muitos outros do mesmo nível,

o resultado não poderia ser outro: um CD com um repertório cuidadosamente montado, com letras especialmente bem elaboradas, mu-

sicalmente impecável.

Essa pluralidade, aliás, se reflete como nunca em Sol a Sol: ciranda, samba, choro, toada, baião, ritmos que estão marcados em nosso imaginário, e que fazem deste, um trabalho essencialmente brasileiro - talvez pela capacidade de Saraiva de se relacionar e firmar parcerias com artistas de diversas regiões do País.

Cristina Saraiva é uma letrista já bem conhecida no meio musical. Sua característica principal é a de levar adiante a tradição de uma MPB refinada, sem aderir a modismos. "Meu compromisso não é com o novo. É com o belo", reconhece. Não por acaso, seu CD anterior, Só Canção, conta com a participação de artistas consagrados. Um exemplo claro e raro de artista e que segue uma linha clara de composição musical.



Lucila Novaes é uma cantora de voz primorosa; uma intérprete onde a perfeição de sua técnica vocal não apaga a enorme dose de emoção que permeia sua interpretação. Seus dois trabalhos anteriores Frestas do Céu e Claridade, se caracterizam por um repertório de Música Popular Brasileira de alta qualidade, mesclando artistas consagrados como, por exemplo, Chico Buarque, Djavan, Lenine, com outros menos conhecidos.

Novas e antigas parcerias da letrista marcam as faixas do novo trabalho musical

Sol a sol traz um pouco de parcerias já antigas, e apresenta ainda novos encontros da letrista. Entre as parcerias que vêm de cds anteriores, o carioca Felipe Radicetti, co autor da canção "O louco", uma das poucas faixas desse cd onde aparece claramente a profunda veia romântica da letrista; Rafael Altério, parceiro em "Chão de espinho" uma canção, na música e na temática, com forte traço do interior paulista; e o craque Théo de Barros que assina a sensível e brejeira "Parceira antiga".

Entre as novas parcerias, a faixa Recomeçar, parceria com o consagrado Francis Hime, é uma das mais belas,

e por que não dizer, audaciosas do disco. Um samba cantado em dueto, com participação especial do próprio Francis, onde as duas vozes se entrelaçam cantando letras em parte diferentes, em parte coincidentes, mas com sentidos diversos.

Faixa título e a música de abertura do disco, "Sol a sol" é uma parceria com um dos instrumentistas mais talentosos surgido no Brasil nos últimos tempos: o pianista André Meh-mari que prova que além de um grande músico, é também um compositor surpreendente. A letra, que revela diferentes realidades bem brasileiras, já aponta para essa característica principal do trabalho:

um CD visceralmente brasileiro, em todos os sentidos.

Do interior da Paraíba, vem uma nova parceira, Socorro Lira, que assina a envolvente "Nas voltas da Ciranda". De estrutura simples e letra elaborada, a ciranda ganha um arranjo que remete às festas de interior, aos coretos nas praças. Do fundo do pantanal, surge "Hoje tem lua cheia", que canta uma ausência e a eterna ilusão do retorno. Trata-se de uma toada doída, parceria com o compositor pantaneiro Guilherme Rondon.

Do grupo vocal MPB4, a letrista tira duas novas parcerias: Milinho e Dalmo Medeiros assinam, respecti-

vamente "Lia" e "Viravolta". "Lia" é uma faixa intimista, onde a voz de Lucila é acompanhada apenas pelo magistral piano de Leandro Braga, e relata a dor de uma mulher, à espera do retorno do mar de um pescador. Com alguma referência ao universo de Dorival Caymmi, a letra, entretanto, é inspirada em um episódio ocorrido em Santa Catarina, quando a passagem de um ciclone vitimou alguns pescadores.

Já "Viravolta" reflete um pouco do desencanto com os descaminhos do Brasil. A letra, porém, na contra-mão da tendência atual, é francamente otimista. O arranjo vocal dessa faixa, assinada por Maurício Maestro e exe-

cutado pelo próprio e ainda Dalmo Medeiros, relembra grandes momentos dos grupos vocais de ambos: Boca Livre e MPB4.

E para não ficar apenas em artistas consagrados, a letrista aposta também em jovens promessas. Com apenas 22 anos, nascido em Itapetininga, interior paulista, Breno Ruiz é o único compositor a assinar com a letrista duas faixas do disco: a pungente "Lembranças", uma valsa densa, que retrata o sentimento de uma grande artista em final de carreira, e o choro "À música brasileira, com carinho", que ganhou um arranjo primoroso de Maestro, e é uma bem construída

queixa contra o atual sistema, que simplesmente exclui do mercado a grande maioria dos artistas.

E para fechar o cd, uma música em parceria com dois irmãos de Lucila, Ize e Juca Novaes: o baião "Volta Seca", que retrata a personalidade ambígua de um dos mais conhecidos cangaceiros do bando de Lampião, compositor de músicas inesquecíveis do Canção, a quem alguns atribuem, inclusive, a autoria do clássico "Mulher renheita". Uma última faixa que por sua brasilidade, não poderia refletir melhor um cd que é, em última análise, um verdadeiro retrato sonoro do Brasil.

As belas canções de Cristina Saraiva

Conhecida por suas parcerias com Simone Guimarães, de quem produziu os álbuns "Cirandeiro" e "Aguapé", a carioca Cristina Saraiva pouco a pouco se estabelece como uma das mais respeitadas letristas da nova geração. Ela está lançando "Só canção", sucessor de "Primeiro olhar", de 2001. Em ambos, sua intensidade lírica se revela em consonância com discretas especulações existenciais, sem perturbar a ordem das canções

Henrique Nunes

Já na estréia, Cristina apresentava parcerias com alguns dos novos intérpretes da nova geração. Principalmente sua amiga, Simone Guimarães. Percorriamos caminhos pela natureza e pelo interior da gente, com os mesmos registros feitos pela cantora paulista, como "Laranjeiras", "Hermanos" e "Relento". Na banda, alguns nomes que também tocam com Simone estão no álbum: Maurício Maestro, Leandro Braga, Marcílio Figueiró. Em "Primeiro olhar", quase todos os arranjos contam com a participação do baterista cearense Pantico Rocha.

O álbum começa com a voz do inspirado Renato Motha, recentemente gravado por Maria Rita. É a canção "Fica só pô", revelando o timbre agradabilíssimo de Motha. Outros bons intérpretes com mais estrada são Giselle Martine, Maurício Maestro e



Sérgio Santos. A primeira - cujo primeiro álbum, o belo "Diamantes", teve produção de Cristina - emociona em "Imagem", parceria com Jorge Vercilo, em que a intérprete se vê acompanhada apenas do piano de Leandro Braga. Sérgio Santos também demonstra porque é um dos mais completos intérpretes da atualidade em "Partida", dele e de Cristina. E Maurício Maestro também mantém o alto nível da produção, em outra das parcerias discretas de Cristina com Simone Guimarães, "Desafios".

Se os nomes não são familiares, saiba que "Primeiro olhar" também revelava intérpretes ainda menos conhecidos, mas igualmente talentosos, como Márcia Taui, nas belas "Primeiro olhar", "Fábula do riacho" (também de Cristina e Simone Guimarães, outro encantamento só) e "Tarde sertaneja", está uma toada em que a intérprete é acompanhada apenas pelo violão de Jaime Alem, e

então parceiro de Cristina, e pelo violoncelo de Márcio Malard.

Entre os marmanjos, Edu Santana e Kiko Zamarian também apresentam seus talentos. O primeiro, na parceria "Segredo", um bolerinho que trazia Maurício Maestro em pessoa nos vocais. Kiko também revelava sua música e seu canto em "Guarda bem". No final, Cristina Saraiva aparecia cantando outra parceria com Simone: "Sem despertar". Diríamos que ela demonstrava algum potencial.

Mas foi realmente mais interessante ela continuar seguindo, em seu segundo álbum, a fórmula que deu tão certo no álbum anterior. Assim, "Só canção" não deixa por menos e reúne uma saravada de bons músicos e intérpretes, além da competência já comprovada da letrista. O que dizer de um time composto por Chico Buarque, Renato Braz, Na e Dante Ozzetti, Leila Pinheiro e ainda Clarisse Grova, Edu Santana, Paula Santoro e

Simone Guimarães, todos sob a batuta de Maurício Maestro?

Só podia ter dado certo. Muito certo. "Só canção" começa com o galope encantado da "caravana" liderada por Renato Braz, sob o violino de Ricardo Amado, a bateria de Jurim Moreira e a percussão de Beto Cazes. Contando os desafios e deleites da saga de "Rosa Cigana", a música é uma parceria com Rafael Altério que consagra, de vez, o talento de Cristina Saraiva.

O compositor Felipe Radicetti, que recentemente lançou o também muito bem-vindo "Super Lisa", ao lado de Clarisse Grova, mantém o compasso afogueado, com o tempero de Jurim, Maestro, Beto, Jorge Helder, Braga e Franklin da Flauta, na voz de Na Ozzetti. A letra de "Na corda bamba" fala dos dilemas cotidianos que enfrentamos entre vendavais e guerras, em busca do equilíbrio.

O mesmo time também marcia entre as águas de "Mestre Narciso", misto de



A LETRISTA Cristina Saraiva: coleção de travessias líricas

pescador de rio, de mar e de canções, que personifica as boas visagens que surgem entre Simone e Cristina, principalmente sob a interpretação da "iara" Guimarães. A seguir, é Chico Buarque quem se apossa do talento de Cristina e seus meninos, desta vez em nova parceria com Rafael Altério e com a participação de outro Boca Livre, Fernando Gama, nos violões. "Entre versos e cantigas/ Por toda essa vida/Vamos caminhar" canta Chico nesta outra travessia cheia de dúvidas, Meia-volta.

Mais experimental, Dante Ozzetti canta com um timbre profundamente intimista e mistura discretas dissonâncias dos seus violões e do seu piano com o violoncelo de Márcio Malard e ainda com os talentos de Beto Cazes e Maurício Maestro, em "Só canção". "Tua imagem eu juntei à luz de um violão/com os estilhaços comecei a construção/ De um retrato/ Abstrato, inexistente, rosto feito à mão/ Impreciso, não importa/ Busco um meio pra guardar-te em mim", começa a sofisticada faixa-título que traz ainda versos como: "Eu preendi teus olhos, tua voz e coração/ No inacessível laço da imaginação".

Uma continuidade perfeita com o canto de Clarisse Grova em outra parceria de Cristina com Felipe

Saraiva. "Eu te amo/ Como amo o luar/ Como ao mar, como à vida/ Sem receio, sem fronteira/ Sem meias palavras/ Sem meia emoção/ Eu te amo", simplifica a letra, na interpretação também mais seca de Leila. Outra vez Felipe Radicetti e Cristina se encontram, desta vez em "Feito nascente", uma canção bem mais lírica, embora ainda em dia com nuances existenciais, na bela interpretação de Paula Santoro.

Também mais simples, mas não menos inspirada, é "Pedra por pedra". Ainda que Edu Santana transmita, a Edu Lobo, um certo peso que acaba desequilibrando os seus "castelos" antecipadamente, exigindo do saxofonista Zé Nogueira muita imaginação e, de seus companheiros, muita disciplina. Bem diferente do clima que rola com Simone Guimarães, Fernando Gama, João Carlos Coutinho (acordeão), Beto Cazes e Maurício Maestro na encantadora "Beijo", outra vez da lava de Simone e Cristina, na voz da primeira. "Ah, se eu pudesse e voltava no tempo/ Voltava só pra dar um beijo no tempo", diz o refrão.

Théo de Barros, Cristina, Paula Santoro e Chico Buarque estão unidos novamente por "Eterna canção". Os dois primeiros,

Reprodução

João Pimentel

O que começou como um bate-papo entre músicos na internet acabou virando uma espécie de movimento organizado para reivindicar espaços públicos para apresentações e lançamento de discos. Os compositores Tibério Gaspar e Cristina Saraiva, apoiados por quase 600 adesões de cantores, instrumentistas e DJs, pleiteiam um encontro com o secretário das Culturas, Ricardo Macieira. Mas a reunião, que já está sendo agendada, não deve ser das mais tranquilas, já que Macieira não concorda com o argumento dos músicos com relação ao mau uso dos teatros.

— Esta questão já vem sendo pleiteada pelo sindicato desde o ano passado. Achei que nós, músicos, deveríamos tomar uma posição. De repente comecei a receber centenas de e-mails de pessoas de vários segmentos da sociedade — conta Tibério Gaspar. — O fato é que a nossa MPB e o futebol são os maiores embaixadores do Brasil no exterior. Por isso acredito que os espaços têm que estar abertos. Precisa haver uma coerência melhor no uso dos teatros do município.

Teatro Café Pequeno está de portas fechadas para produções musicais

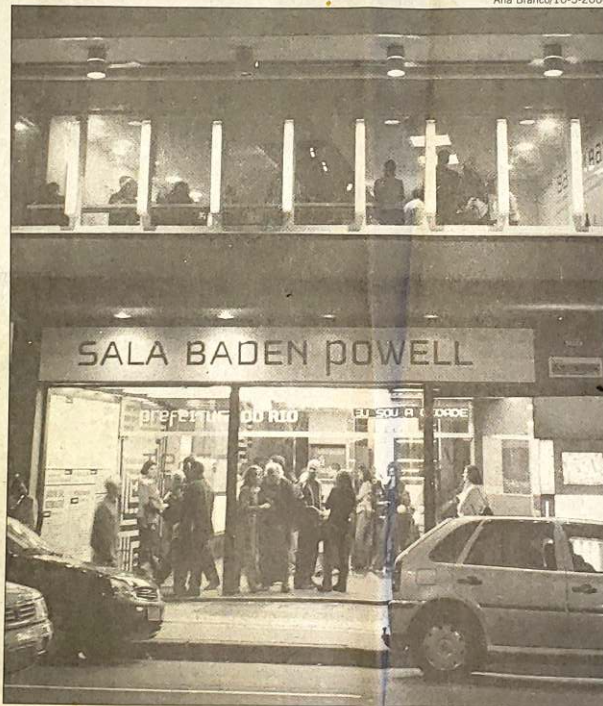
Cristina Saraiva parte de duas histórias para dar ênfase a seus argumentos. A primeira foi uma entrevista com Paulo César Pinheiro que ela fez para o pequeno jornal "Tambores". No papo, o compositor disse que criou o Teatro Clara Nunes especialmente para abrigar shows, mas que, hoje, o espaço é ocupado mais por montagens teatrais. Pouco tempo depois dessa entrevista, Cristina tentou lançar um disco no Teatro Café Pequeno, que até o ano passado abrigava bons projetos musicais, comandados pelo compositor Sérgio Natureza, e bateu com a cara na porta:

— Tentei falar com o Ivã Sugahara, que é o intendente do teatro, e o administrador, Cláudio Tizo, pediu para eu adiantar o que era. Disse que queria fazer um lançamento lá e ele perguntou se era de música. Quando respondi afirmativamente, ele disse que o teatro não abrigava mais shows — conta. — Perguntei pelos horários alternativos e ele disse que eram

Músicos em busca do palco perdido

Artistas querem espaço nos teatros municipais

Ana Branco/10-5-2004



A SALA BADEN

Powell, em Copacabana, que é da Rede Municipal de Teatros, foi palco, no início de sua trajetória, de muitos shows de música popular

destinados apenas à leitura de peças.

Sugahara confirma que o Teatro Café Pequeno está destinado apenas a formação de público e novos autores teatrais:

— Eu e minha companhia, Os Dezequilibrados, estamos desenvolvendo um projeto específico. Mas acho importante os teatros atenderem a essa demanda.

Para Cristina, o problema está no fato de os teatros serem administrados por diretores indicados pelo gestor da Rede Municipal, Miguel Falabella:

— Você entregar os espaços públicos na mão de pessoas que vão determinar o que será apresentado não é política pública. Nós, os artistas independentes, já não tocamos nas rádios por causa do jabá. Os teatros particulares não se interessam também. Se não pudermos nos apresentar, vamos viver de quê? — questiona. — O problema na música é que os artistas que têm mídia como Chico Buarque, Milton Nascimento não precisam do Estado, do Ministério da Cultura. Não é como o cinema, que depende de incentivo, da União. Quando a coisa está feia, o Cacá Diegues vai lá e compra a briga.

Macieira acha que artistas estão errando o foco da questão

O secretário das Culturas, Ricardo Macieira, depois de enumerar dezenas de projetos como o Música nas Igrejas, o Prêmio Hutus de Hip Hop, o Festival Rio Choro, o apoio ao grupo Jongo da Serrinha, o Trem do Samba, o Palco Sobre Rodas e o Humaitá Pra Peixe, disse estar disposto a conversar, mas acha que os músicos estão errando o foco da questão:

— De uma maneira geral, a prefeitura tem destinado um terço dos recursos da cultura para a música. Estamos construindo a Cidade da Música. A "Ópera do Malandro", que conta com uma orquestra, está há mais de um ano no Carlos Gomes; "Orlando Silva: o cantor das multidões" está na Baden Powell. As pessoas esquecem que os musicais geram emprego para músicos — diz. — O Cesar Maia nos pediu as proposições para o quadriênio 2005/2008 e dois pontos são fundamentais: criar mais salas de música na cidade e que o biênio 2005/2006 seja o da música. Isso significa, no mínimo, R\$ 10 milhões por ano para a música. ■

Amélia Gonzalez

Divulgação/Roberto Steinberger

Política para abrir acesso aos 'gozos da alma'

MPB se mobiliza no Rio para reivindicar a Gil políticas públicas para a música na criação de Câmara Setorial

Hugo Sukman

O pessoal todo já chegando e os parceiros Francis Hime e Geraldinho Carneiro cantam, apressados e aos sussurros, o samba que acabaram de compor. "Gozos da alma, estou partindo agora! Chegou a hora de partir, mas não te deixo só, porque não pode ser! Porque deixei todo o meu ser contigo", dizem os primeiros versos de Geraldinho para o samba de fêlito clássico como tantos que Francis já compôs.

O samba é o que importa. Mas não agora. Os "gozos da alma" — verso, "joys of soul", roubado do poeta inglês seicentista John Donne — têm que dar um tempo, nesta chuvosa noite de quinta-feira, aos deveres da sociedade. É que Francis recebe em sua casa, no alto do Jardim Botânico, 60 compositores, cantores, músicos, produtores, gente da música em geral, numa primeira reunião espalhada pela classe por e-mails e telefonemas urgentes, falar das reivindicações que o setor vai apresentar ao Ministério da Cultura.

Reivindicação básica: políticas públicas para a música brasileira, para ampliar sua produção, democratizar o acesso a ela, apoiar sua exportação, atualizá-la em relação às novas tecnologias e, sobretudo, reinseri-la na sociedade através da educação. Ambição: a criação de um órgão federal (câmara setorial, conselho, agência, que nome tenha) específico para a música e para coordenar isso tudo.

Já entrou em várias roubadas em que a classe se uniu e não deu em nada. Mas, desta vez, não. Pela primeira vez vejo gente jovem, consciente, sem preconceitos, pragmática, com abordagens novas, o que me dá um sopro de esperança — diz Ivan Lins, um dos líderes do movimento, o mais emocionado da noite, falando com lágrimas nos olhos. — Sou apaixonado pela música do meu país e sofro por ela. Ivan falava para veteranos de tantos movimentos político-musicais, como o letrista Abel Silva — "Lembre, Ivan, que em 1974, em reunião na sua casa, partimos para vitórias importantes como a criação do Ecad, que fez evoluir muito o arcaísmo de direitos autorais", corrigiu Abel, dizendo que, sim, movimentos político-musicais às vezes dão certo. Mas também para muitos artistas que ainda falavam gugu-dadá quando Ivan, Abel e a música brasileira unida fundaram a Sombrás, movimento que, em plena ditadura, quebrou o status quo do direito autoral no Brasil.

Como a cantora Fernanda Abreu, representante de uma ala pop da noite, da qual faziam parte, entre outros, Roberto Frejat, Pedro Luís, Zélia Duncan, Charles Gavin (dos Titãs), todos com idéias muito pragmáticas.

Eu tenho um selo e gostaria de lançar discos de outros artistas. Mas não posso, pois tenho que pagar impostos como se fosse uma multinacional, o que inviabiliza as produções — disse a autora de "Rio 40 graus", que também conceituou uma idéia geral para o movimento que se inicia. — Música é um grande instrumento de inclusão social.

Mexer em Leil Rouanet e educação musical estão na pauta

Representante de uma MPB sofisticada e inclassificável, cujo adjetivo "popular" parece cada vez menos apropriado, e "clássico", pesado demais, Mário Adnet tocou em outro ponto pragmático na política musical. — A Leil Rouanet permite que as empresas descontem 100% de imposto em projetos para a música clássica, 100% para a música instrumental e apenas 30% se for música popular, o que faz com que as empresas não se interessem — diz Adnet. — Mas acontece que muito dessa chamada música popular, como as outras, está fora do mercado e precisa do incentivo.

Estranho, as reivindicações e projetos brotam de bocas de onde normalmente só deveria sair música. Como a de Maurício Maestro, compositor e boca do Boca Livre:

— A educação musical no Brasil está praticamente abandonada — denunciou Maestro, dizendo que isso não prejudica propriamente a formação dos músicos, que no Brasil brotam sabese lá como, mas da platéia. — É preciso que tenha gente para ouvir a música que fazemos.

As reivindicações podem ser pequenininhas, singelas como a da pianista Fernanda Cannaud, especialista em música fronteira entre clássico e popular (Radames, Nazareth, etc.) e que mantém uma escola de música na região de Nova Friburgo.

Um clarinetista lá tem que usar a mesma palheta por três meses



FOTO HISTÓRICA: os 60 músicos e compositores que foram à primeira reunião de um futuro órgão governamental para a música dão um retrato abrangente da atividade



MÁRIO ADNET e João Bosco: compositores atentos



GERALDO CARNEIRO (à esquerda), Abel Silva, a produtora Patricia Ferraz e Ana Terra; sentado, o baixista Artur Maia: todos os setores



ZÉLIA DUNCAN, Charles Gavin e Pedro Luís: a ala pop participa do debate



IVAN LINS é observado por Francis Hime

quando um profissional usa às vezes 30 em uma hora.

Ou podem ser reivindicações grandiosas, como as que tratam dos temas que mais geraram polêmicas entre os colegas: a necessidade de se impedir a prática do jabá (dinheiro pago pelas gravadoras às rádios para tocar determinadas músicas); renovar ou não o recolhimento de direito autoral no Brasil, acompanhado de uma investigação do Ecad, o órgão que os recolhe e distribui sob influência das poderosas sociedades arrecadadoras; criar ou não novas entidades representativas para o setor, já que sindicatos e a Ordem dos Músicos estariam obsoletos, etc.

— É uma barra pesada mexer nisso, é um avião difícil de levantar voo — comentou as dificuldades que o setor terá daqui para frente o maestro Jaime Alem, arranjador de Maria Bethânia.

Tal avião pesado vem sendo pilotado com empolgação desmedida ante a correria da vida por um pequeno grupo de músicos e compositores que se apaixonou pelo tema. Ivan Lins, Francis Hime, as letristas Cristina Saraiva e Ana Terra, o músico Dalmo C. Mota, que representa o sindicato.

— O que a gente quer é uma política pública para o setor e ampliar a

estrutura governamental para a música, que hoje é totalmente incompatível com o seu peso — diz Cristina Saraiva, letrista-revelação da MPB, dois discos lançados e já gravada até por Chico Buarque. — Eu era professora de história e uma vez falando em sala de aula sobre a obra do Chico nenhum dos 30 alunos conhecia alguma coisa dele. Desde então comecei a notar que havia algum problema com a difusão de música popular no Brasil.

As discussões internas, entre os próprios artistas, ainda vão pegar fogo. Mais ainda quando chegar no âmbito de um Ministério da Cultura, politicamente dividido entre membros originários do PT, como o presidente da Funarte, Antonio Grassi, e a secretária de música da entidade, Ana de Holanda — aparentemente contrários ao movimento e a favor de uma concentração do setor musical na Funarte — e a ala do Partido Verde (PV), da qual fazem parte tanto Gilberto Gil quanto seu secretário executivo, Juca Ferreira, que incentivou a realização da reunião de quinta-feira.

— Música é igual à esquerda: sempre dividida — definiu o experiente Ivan Lins durante a reunião.

Ivan insistia, contudo, que a música deve se apresentar unida contra, prin-

cipalmente, as verdadeiras máfias que dominam o negócio musical no Brasil.

— O novo órgão vai fazer com que a gente não discuta mais em gabinetes. É claro que há bandiagem na atividade. Mas ela tem que ser exposta. Vai ser bandiagem a céu aberto — diz.

Apesar da crise por que passa a música, reconhecida por todos os lados da questão, os gozos da alma não são contidos. Mesmo enquanto boa parte da inteligência musical brasileira discutia o futuro político da atividade, conversas musicais também aconteciam. Abel Silva e Roberto Menescal, que acabaram de escrever 17 novas canções em parceria, encontraram na varanda de Francis a intérprete ideal para interpretá-las, a jovem cantora mineira Paula Santoro.

Ivan Lins e Ana Terra, que viraram parceiros agora pelo convívio na comissão, ultimavam as duas canções que estão fazendo. Charles Gavin falava das férias forçadas dos Titãs depois de um acidente que o cachorro sofreu quando cuidava do cachorro ("Ele já está bem", tranquilizava).

— Chegou a notícia de que o samba de Francis e Geraldinho Carneiro será gravado por Leila Pinheiro. Samba e disco se chamarão "Gozos da alma". É o que importa. ■

Gil vai criar câmaras setoriais

• Enquanto parte da classe musical se encontra na casa de Francis Hime, uma guerra surda continuava a ser travada nos bastidores da política cultural brasileira, precipitada pela iniciativa dos músicos. Uma batalha, dentro do próprio Ministério, para saber como a Funarte, que engloba a Secretaria de Música, entraria no novo contexto. Outra, do Ministério com setores culturais como o das artes cênicas, insatisfeito com o tratamento dado pelo governo à área.

A reunião da comissão da música com o ministro Gilberto Gil, até quarta-feira prevista para acontecer no dia 19, no Rio, fora cancelada e na quinta ainda se aguardava uma nova data. Na tarde de sexta, a matemática do resultado das batalhas finalmente saiu: Gil preferiu se encontrar com os quatro setores da atividade cultural (a exceção do cinema) no dia 25 de outubro, na sede paulista da Funarte. Na ocasião, o ministro anunciará a criação de quatro câmaras setoriais: a da Música, a das Artes Cênicas (subdividida em teatro, dança e circo), das Artes Visuais e do Livro.

— Não teria sentido o ministério privilegiar apenas um setor — diz o assessor especial do Ministério, Sérgio Sá Leitão. — Por isso, vamos criar câmaras para os setores que ainda não têm uma política ampla formulada, ao contrário de cinema e da área de Patrimônios e Museus, já mais avançados.

A tentativa do governo é conciliar: agradar à música por usar como modelo para todos os setores e projeto discutido na casa de Francis Hime; à Funarte, que coordenará o projeto (Ana de Holanda seria, por exemplo, a presidente da Câmara Setorial da Música); aos outros setores, como o teatro, que terá sua política.

O pessoal da música vai na reunião do dia 25. Mas exige o encontro particular com Gil.

— Estamos aguardando a definição de uma data para o encontro de Gil com a classe musical, de acordo com o que foi previamente acertado com o Ministério, e dependendo apenas da sua agenda — mantém sua posição Francis Hime.

Lítero Cultural

por Selmo Vasconcellos



CRISTINA SARAIVA



ENTREVISTA

SELMO VASCONCELLOS - Quem é Cristina Saraiva dentro e fora do mundo da música?

CRISTINA SARAIVA - Difícil falar sobre si mesmo né? Na música, uma letrista à procura, acima de tudo, da beleza. Está claro que cada um tem seu próprio padrão de beleza. Eu persigo o meu. Mais do que um retorno comercial, mais que uma incursão na modernidade com todas suas experiências e as suas opções de descobertas, busco apenas a beleza em minhas músicas. Neste sentido, busco parceiros afinados e preocupados com essa ideia.

Fora do mundo da música, mais ou menos a mesma coisa...rss. Mas acrescento ainda uma forte atuação política no sentido de estruturar uma política cultural para o País. Direito autoral, meia entrada, mecanismos de financiamento da cultura, educação musical, preservação de memória. Tudo que diz respeito à música me interessa e me mobiliza. Dessa forma me tornei coordenadora do GAP Pro Música (Grupo de Articulação Parlamentar Pró Música), com 5 anos de atuação no Congresso Nacional.

Procuo ainda estar atenta e participar da vida política do País, como nessa recente mobilização contra a corrupção e a impunidade. Na minha opinião, dever de todo o cidadão.

E tento ainda manter uma vida tranquila, longe do carregado dia a dia da cidade. Me mudei há cerca de 1 ano para um sítio no interior de São Paulo, onde levo a vida que, creio, mais se aproxima do meu ideal de paz, beleza e harmonia.

SELMO VASCONCELLOS - Como começou sua relação com a música?

CRISTINA SARAIVA - Como amante da música, desde muito cedo. Desde criança, adolescente. Como profissional da música por volta de 1995, quando, como professora de história que sou por formação, coordenei um projeto de memória musical em escolas das redes pública e particular do Rio de Janeiro.

Dal para a constituição de um selo discográfico e a produção do primeiro CD (da cantora Giselle Martine) foi um pulo.

O segundo CD do meu selo "Tiê Musical" seria a definitiva entrada no mundo da música, junto com a compositora Simone Guimarães, minha maior parceira.

As letras vieram praticamente ao mesmo tempo desse mergulho mais profissional no universo da música. Ou seja, comecei tarde. Nada de talento precoce ou inato rss. Acho que precisel esperar ter alguma coisa para dizer (ou ter coragem de fazê-lo) para começar a escrever....

SELMO VASCONCELLOS - Quais são as fontes inspiradoras das suas composições musicais?

CRISTINA SARAIVA - Em primeiro lugar, o amor. Os meus, o dos outros, os vividos ou os imaginados. Aliás, muito mais os imaginados que os vividos...rs

Depois, a natureza, a vida, a beleza e a grandeza da nossa Terra.

Apesar da minha grande atuação política, ainda não consegui levar isso para den-

tro das canções. Talvez ainda me falte encontrar a beleza que existe na política para poder escrevê-la. Poderia até ser uma ou outra canção de protesto, pois o momento está mais para isso. Hora dessas saí.

SELMO VASCONCELLOS - Pode nomear 5 cd's influentes para você?

CRISTINA SARAIVA - Bem, nomear apenas 5 é difícil mas vou tentar a partir de queles que tiveram uma influência lá atrás, que mais marcaram minha vida e minha relação com a música ainda na adolescência.

1- "Sidney Miller", o disco branco desse brilhante compositor, que não tem nome mesmo. O Sidney na verdade teve uma produção curtíssima - apenas 3 CD's - pois morreu precocemente. Mas era genial.

2- "Chico e Bethânia ao Vivo" - uma pérola que dispensa qualquer comentário.

3- Boca Livre - o primeiro, que tem toada. Não dá pra imaginar minha vida musical sem o trabalho do Boca Livre.

4- Um compacto "... pode ser...rss? A música "Serafim e seus filhos", a mais ouvida da minha adolescência e a que me abriu as portas para o trabalho do Ruy Maurity e José Jorge, que marcaria essa minha tendência voltada ao interior.

5- Clube da esquina 2 - esse maravilhoso mergulho na música mineira, uma das que mais me tocam.

SELMO VASCONCELLOS - Poderia falar um pouco sobre o seu último CD?

Cristina Saraiva com Simone Guimarães.

CRISTINA SARAIVA - "Terra brasileira", interpretado pela cantora Manuella Cavalari, é um muito centrado na parceria de um músico extraordinário do interior de São Paulo, chamado Breno Ruiz - que aliás também assina os arranjos do CD. Eu não diria que ele traga grandes novidades em relação ao anterior, "Sol a sol". Novidade não é algo muito presente em meus trabalhos. Eles se caracterizam mais por uma continuidade com relação a trabalhos anteriores.

Talvez, como uma marca específica deste CD, temos uma certa presença do meu lado historiador neste trabalho - talvez daí o título do CD, faça escrita em parceria com Marcilio Figueiredo e que fala do período da imigração no Brasil, quando fazíamos propaganda para atrair imigrantes. Ainda nessa vertente, temos

"Nossa Senhora da Luz dos Pinhais", que retrata a criação da cidade de Curitiba (feita em parceria com o paranaense Lydio Roberto) e "Amazônia" que é um olhar poético sobre a colonização e destruição da Amazônia de ontem e de hoje.

SELMO VASCONCELLOS - Planos para o futuro?

CRISTINA SARAIVA - Um novo trabalho, claro! O que mais poderia ser?

Dessa vez um trabalho diferente, pois pela primeira vez irei cantar minhas músicas. Naturalmente que não sozinho. Seria um passo grande mais. "É um trabalho que está me deixando extremamente feliz pois será um CD todo em parceria com a Simone Guimarães, minha primeira parceira. Todas as músicas são dela, e todas as letras são minhas, e cantamos juntas.

É um trabalho mais voltado para a raiz musical do interior de São Paulo, de onde vem a Simone e onde estou morando. Viola, acordeon, muito

CD gentilmente enviado pela cantora/compositora Cristina Saraiva.
1ª participação no Lítero Cultural impresso : 02 e 03.Octubro.2003 - L.C. n.º 639.
Biografia e CD "So Canção"
Letras de Cristina Saraiva

Amor de Poeta

Leila Pinheiro

(Théo de Barros/Cristina Saraiva)

Eu te amo
Como amo o luar
Como ao mar, como à vida
Sem receio, sem fronteira
Sem meias palavras
Sem meia emoção
Eu te amo

Eu te amo
Com o amor de um poeta
E sua alma secreta
Em cada instante
Cada passo ou olhar
E cada sofrimento
Cada noite ao relento
Me faz relembrar
Que eu te amo

Eu te amo
Sem Planos
Sem Cotidiano
Sem porquês, sem final
Eu te amo
Com o amor mais bonito
Para além do infinito
Eu te amo.

Leila Pinheiro - piano
Márcio Mallard - violoncelo

viola, flauta essa é a sonoridade principal. Um CD sem bateria e praticamente sem piano. Com este trabalho, pela primeira vez, subirei nos palcos. Pra mim, uma grande novidade e um enorme desafio.

SELMO VASCONCELLOS - A quem você agradecerá o apoio irrestrito dado nessa empreitada musical nesses seus longos anos de

carreira?
CRISTINA SARAIVA - Aos vários músicos e parceiros que encontrei pelo caminho e de quem sempre recebi enorme apoio.

SELMO VASCONCELLOS - Contatos para shows.
CRISTINA SARAIVA - cristinasaraiva5@gmail.com
Tel - 11.69062106

Rita Queiroz
Diário de Viagem de Benedita
Coleção: TROCANDO SONHOS POR SONHOS

De 28 de Outubro a 29 de Novembro - 2011

Convite

O Governo de Rondônia, através da Secretaria do Estado dos Esportes da Cultura e do Lazer - SECEL e Casa da Cultura Ivan Marcondes convidam Vossa Senhoria e família para o coquetel de abertura da Exposição: Diário de Viagem de Benedita Coleção: "Trocando Sonhos Por Sonhos" da artista plástica Rita Queiroz

Abertura: 28 de Outubro Horário: 20:30 h

Período: de 28 de Outubro a 29 de Novembro - 2011

4. Meia-voça
Chico Buarque

Meia-voça, meia-voça
Meia-voça, meia-voça
Meia-voça, meia-voça
Meia-voça, meia-voça

D2 CADERNO 2

SEGUNDA-FEIRA, 25 DE OUTUBRO DE 2004 • O ESTADO DE S. PAULO

maestro Eduardo Lages, o melhor dele em muitos anos.

Não que fosse demasiado diferente dos demais. O esmero técnico é o de sempre, incomparável, e o preparo para gravar o show em DVD (a ser lançado

teça haver uma força maior naquela voz tamanha: a acclerar os corações, como os carros que ele canta em vários sucessos.

O habitual medley instrumental que abre seus shows, seguido de *Emoções*, desta vez ganhou o

rombo, com uma ótima versão de *Legal, Inímor ou Engorda*. Inédita em seus shows, veio melhor que a gravação original, em levada funk, com efeitos de wah wah na guitarra e o naipe de metais em alta. Emendou

quatro. De repente, apenas o clássico soul-pop *Jesus Cristo*, no longo final, coberto de rosas beijadas e arremessadas à fiação na despedida. Tudo igual, mas nada mal. Só ele mesmo. ●



MARIA HELENA: Ídolo na cabeça

para o ingresso, mas para a eventualidade de não conseguir tomar as duas conduções até Vila Sônia, na zona oeste, e precisar de um táxi. "Há 20 anos espero por esse momento." ●

Música Política:

Artistas se unem pela defesa de interesses comuns

Propostas foram discutidas sexta-feira em encontro no Itaú Cultural

Carregando a fama de categoria das mais desunidas, profissionais da música só costumam se encontrar em estréia de show de medalhões e velórios. Sexta-feira, em reunião no Itaú Cultural, em São Paulo, cerca de 50 desses artistas demonstraram estar dispostos mais do que nunca a se unir por outro objetivo comum: a criação de uma agência nacional da música, com poder jurídico para negociar e defender seus interesses.

"Temos a melhor música do mundo, não podemos nos deixar subvencionar. Nosso movimento é para que tomemos a rédea do nosso destino, não esperar que as decisões venham de cima", disse Ivan Lins, que comandou a reunião ao lado da letrista Cristina Saraiva e dos músicos Juca Novaes, Carlinhos Antunes e Dalmo Mota, presidente do Sindicato dos Músicos do Rio de Janeiro.

Entre outros, participaram das três horas de reunião expoentes de diversas vertentes da MPB, como os cantores Sérgio Reis, Célia e Celma, Ná Ozzetti, Clara Becker, Paulo Ricardo; os com-



ALEX SILVA/E

REPRESENTATIVIDADE: Ordem dos Músicos é ponto central do debate, que teve Ivan Lins no comando

positores Chico Saraiva, Celso Viáfara, Théo de Barros e Eduardo Gudin; o produtor Pena Schmidt; os instrumentistas Léa Freire, Caíto Marcondes, André Mehmari, Amilton e Adilson Go-

doy, Lincoln Antônio e Carlos Zimber representaram a Cooperativa de Música, uma iniciativa bem-sucedida em São Paulo que vem progredindo. Um dos pontos cruciais em que atua a coope-

rativa é a luta contra as exigências da Ordem dos Músicos do Brasil (OMB), que, segundo consenso no meio, só cobra taxas abusivas e não representa a classe. Este foi um dos assuntos que

mais provocaram indignação na reunião de sexta-feira.

Os outros foram a desconfiança em relação à proposta do governo federal de criar uma câmara setorial para a música — que o ministro da Cultura Gilberto Gil anuncia hoje em São Paulo — e a questão do jabá (propina paga pelas gravadoras às rádios para executar as músicas de determinados artistas). Sérgio Reis, que tem programas em duas emissoras, afirmou: "Hoje não se usa mais dinheiro, paga-se com microfones, com outras coisas". Maurício Pereira propôs a criminalização do jabá, mas ninguém chegou a uma conclusão sobre esta e outras questões. Não era o caso. A reunião foi o primeiro passo, seguido do bem-sucedido encontro no Rio no dia 15, para angariar forças e colher propostas a ser discutidas.

Os cariocas já criaram um fórum de música que reivindica soluções para questões como direito autoral, capacitação profissional, preservação de memória, pirataria, educação musical, novas mídias, projetos de circulação e formação de platéia, mapeamento da atividade musical, difusão da música brasileira no exterior e dentro do País, apoio à criação. Outras sugestões foram acrescentadas na reunião em relação a publicações, estúdios de gravação, direito autoral para música de publicidade, pontos de venda e distribuição. O foco principal do que eles chamam de "cadeia produtiva" é a volta da música como matéria obrigatória no currículo escolar.

Alguns participantes reclamaram da falta de representatividade da categoria em São Paulo. "Quem somos nós, a quem devemos recorrer, onde podemos nos encontrar?", perguntavam-se Léa Freire e Cezinha Oliveira. "Estamos muito desarticulados", emendou Aída Machado, coordenadora da Universidade Livre de Música Tom Jobim.

Ao final da reunião, todos foram convocados a comparecer hoje à Cinemateca Brasileira, onde o ministro da Cultura Gilberto Gil deve apresentar, por volta de 14h30, a criação de quatro câmaras setoriais: para música, livro, artes cênicas e artes visuais. "Provavelmente não vamos ter poder de voz, mas é bom irmos para mostrar força e adesão a nós, não ao governo", ressaltou Carlinhos Antunes. Um dos pontos discutidos foi justamente a desconfiança em relação a qualquer proposta atrelada ao governo. "Quem disse que a política das câmaras setoriais é o melhor caminho para nós? Temos de ter muito cuidado com isso", ressaltou Aquiles Reis, do MPB-4.

Ninguém sabe ainda o que o governo vai propor, a questão é complexa e as reivindicações são muitas. Como pontapé inicial em São Paulo, apesar da desinformação de alguns sobre os objetivos principais, o encontro foi produtivo. Uma nova reunião está marcada para o dia 4 de novembro na Funarte, no Rio, com o ministro Gilberto Gil, para aprofundar a questão da câmara setorial e ouvir as propostas dos músicos. ● L.L.G.

DISCOS

Roberto Corrêa volta com nova obra-prima

O violeiro acaba de lançar, pelo próprio selo, o décimo disco da carreira, 'Extremosa-Rosa'

MAURO DIAS

A autoridade maior em matéria de violas cairaças (ele catalogou os modelos existentes, os modos, os toques diversos ouvidos em partes várias do País, as técnicas de digitação e outros pormenores no livro *Arte de Focar Viola*, 2001), Roberto Corrêa lança novo disco, o independente (selo Viola Corrêa) *Extremosa-Rosa*, um trabalho autoral em que assina 10 das 15 faixas e, ainda, novidade, canta. Bem.

No encarte, Roberto escreve: "Este álbum, de alguma forma, é uma síntese. Sou interiorano. Nasci em Campina Verde, no Triângulo Mineiro, de onde vim para Brasília há muito anos. Sou do cerrado, das serras, dos pastos, das roças, das cobras e dos chapadões. Aqui é o meu lugar, assim é a minha música."

A linguagem autoral de Roberto Corrêa, como seu toque, faz mesmo a síntese da formação musical rigorosa com a pureza intuitiva do tocador dos pastos, serras, cerrados. De tal forma que sua dedicação às músicas regionais não o tornam músico regional. Roberto é

um erudito do naipe dos eruditos que, como Valdemar Henriques, para ficar num exemplo, debatem-se sobre os modos musicais da tradição popular.

Extremosa-Rosa é o décimo disco de Roberto Corrêa. Formado em Música e em Física, o violeiro conta, entre seus títulos, dois CDs de voz e viola com Inezita Barroso, e realiza, em parceria com a mulher, Juliana Saenger, um inédito e importantíssimo trabalho de registro da música do entorno do Distrito Federal.

"Guimarães Rosa encardado", como classifica o crítico Târik de Souza, Roberto é a grande referência nacional da viola, influência definitiva para que venham surgindo, desde os anos 90, mais e

mais jovens e estudiosos violeiros. Embora não faça alarde disso, a cada novo disco Roberto reafirma a soberania no trato do instrumento, em admirável aperfeiçoamento técnico e interpretativo. A faixa-título, que abre o novo disco, é prova suprema, uma composição introduzida por frase em tom menor, lenta, larga, sonhadora, que deriva para um exercício que refaz o ponteiro violero combinado com



plaiadas de barroco bachiano. As fotos que ilustram o belo encarte, assinado por Paola Faoro, explicita a intenção de casar contrastes — na página 2, um chapadão (sobre a imagem aplica-se texto de Euclides da Cunha, extrato de *Os Serpentes*) e, na página 3, à direita, o Palácio da Alvorada. Na imagem da água, em tipo maior, a frase que abre o texto euclidiano: "Estiram-se planuras vastas". Assim, depois da abertura pon-

No mapa que traça, Roberto não poderia deixar de fora a clássica *Viola Quebrada*, de Mário de Andrade ("Minha viola gemeu/ Meu coração estremeceu/ Minha viola quebrou/ Teu coração me deixou"), em arranjo para voz, viola e contrabaixo arqueado; Tião Carreiro está presente em *Chora Viola*, parceria com Lourival dos Santos; Carreirinho comparece com o cubano *Boi Sobrerrano*, que escreveu a seis mãos com Isaltino Gonçalves e Pedro Lopes; e Goiás assina a toada *Chapadão*, parceria com S. Rocha

Roberto apresenta trabalho com dois parceiros: José Canabrava, em *Heraña de Acertador*; e Hermínio Bello de Carvalho, na *Moda Desembolhada*: "Temperei minha viola/nos olhos de cascavel/ Membebedei do veneno, m'empanturrei do seu fei/ As cravilhas do meu peito veio alguém destarrachou/ E o veneno dessa cobra no meu sangue desagou." O rabaqueiro Silba e o baixista Alex Queiroz mais uma vez enriquecem o arranjo. Não é todo mundo que sabe, mas o tema de abertura do programa *Viola, Minha Viola*, de Inezita Barroso, há mais de 20 anos no ar, é a música *Inezita*, de Roberto Corrêa, incluídas no repertório deste CD primoroso, que pode ser comprado diretamente com o músico pelo site www.robertocorreia.com.br e pelo telefone 0-61-445-2646, ou ainda pelo fax (0-61) 445-1764, ao preço de R\$ 20,00 o exemplar.

SÃO SONS DO CERRADO, DAS SERRAS E DAS ROÇAS

Três talentos femininos em belos trabalhos de estreia

A carioca Cristina Saraiva, a paulistana Juliana Amaral e a paraibana Giovanna Farias lançam seus primeiros registros fonográficos



Veteranas no mundo da música, três grandes criadoras estréiam em discos de muitas qualidades: a carioca Cristina Saraiva, que deixa por conta dos muitos e ótimos parceiros a interpretação de quase todas as faixas, menos uma; a paulistana Juliana Amaral, em disco co-produzido pelo percussionista Robertinho Silva, e a paraibana Gio-

discos da compositora de Santa Rosa da Vitoria. De muito que fizeram juntas, seis canções estão no independente *Primeiro Olhar* (selo Tie, e-mail tie@iis.com.br, telefone 0-21-9983-1265); *Laraveira, Hermanos e Relento*, na voz de Simone Guimarães, *Fábula do Riacho*, na voz de Márcia Tauil. *Desafios*, interpretada por Mauricio Maestro e *Sem Despertar*, a única interpretada pela tímida letrista Cristina.

Ha parcerias com Renato Motha (*Fica só Pô*), Sérgio Santos (*Partida*), Jaime Alem (*Tarde Sertaneja*), Edu Santana (*Sergento*), Sérgio Farias (*Primeiro Olhar*) e Kiko Zamarian (*Guardê Bem*), um apanhado que revela a brilhante, sensível letrista revelada na segunda metade dos anos 90.

dável saudaria como grande revelação do novo século. Para dar uma ideia: Juliana convidou o grande Robertinho Silva para participar de uma faixa. Robertinho apaixonou-se por *Águas daqui*, fez o disco inteiro e dividiu a produção com o pianista Luiz Felipe Gama. Navegando por praias da MPB de feição clássica, Juliana Amaral concebe sonoridade muito especial para os arranjos (que são assim) — um tom orgânico, acústico, delicado, palmas e courós que podem receber o manto de uma naipe de metais (no samba *Esfria*, de Natan Marques, com participação do autor, à guitarra) ou o cintilar do afôxe de Robertinho Silva (na bossa *Revela*, de Moacyr Luz e Salgado Maranhão, com Moacyr ao violão).

CRISTINA FOI A VENCEDORA DO FESTIVAL DE AVARÉ

A vencedora paulistana Lua Discos encaminhou o projeto de *Águas daqui*, apresentação fonográfica da excelente Juliana Amaral, cantora e compositora que um mercado sau-

Mostra-se pouco, a compositora, mas basta *Nome do Amor* para que se imagine o que ela é capaz de produzir. Além disso, Juliana introduz um novo valor, o compositor Haroldo Oliveira, no elaborado *Bolero das Estrelas*, beleza pura.

Por fim, mas não por último, o duplo *Uygraphural*, de Giovanna Farias, com algumas faixas gravadas ao vivo, outras em estúdio, em produção da Vital Discos — de Vital Farias, naturalmente. Alguns dos clássicos do pai ganharam corpo no vazeirão educado da paraibana — *Casa Você Case*, *Canilena da Lua Cheia*, *Veja, Margarina*, lindas, todas, além da obra máxima *Seis Cantigas para Voar*, que Elba Ramalho gravou muito bem há quase 20 anos. A estas, somam-se clássicos nordestinos e sertanejos como o *Tamba-Tajá*, de Valdemar Henriques, para somar o total de 20 faixas. Vital comparece em quase todas, ao violão ou cantando, ele mesmo. Para comprar, mande e-mail para vitalartistic@uol.com.br ou ligue para (0-83) 221-3415 ou (0-83) 9981-6152. Aproveite. (M.D.)

OUTROS LANÇAMENTOS

CHORO DE TROMPETE
Jedon
CD
2002

DOIS HEMISFÉRIOS
Tracy Silverman
CD
2002

SAMBA DE SAMPA
DMQ
CD
2002

A BOSSA DO CLUBE
Esquina da Música
CD
2002

MÚSICA DE ÍNDIO
Talanã
CD
2002

SEMPRE POR CIMA
Roberto Silva
CD
2002

A lagoano, o trompetista Joatan Nascimento tem no currículo prêmios em festivais de música clássica, fletos com criação erudita contemporânea e situação ao lado de grupos bem populares. Foi um dos músicos de Caetano Veloso no show *Livro*. Caetano escreveu, no encarte de *Eu Choro assim* (Mauanga Discos): "Esse CD... representa um passo importante da discografia brasileira", ressaltando a "sobria exuberância" do músico. No repertório, um apanhado de choros escritos para trompete, algumas peças raras de autores esquecidos, com acompanhamento de formações diversas. Brilhante. Fale com ele em joatanascimento@uol.com.br. (M.D.)

Gravado no início de 2001 em Nashville, nos Estados Unidos, e mixado em São Paulo, *North Meets South* (Núcleo Contemporâneo) reúne o violonista americano Tracy Silverman e o percussionista paulista, no Caio Marcondes, num encontro rico em que os virtuosos dão aulas de criatividade e bom humor, marca que é de Caio e deve ser do parceiro do outro hemisfério, que parece divertir-se num repente que Caio adaptou do canção interiorano paulista ou no vila-lobiano *O Trezevindo do Cui-pira*. Efeitos, pedais, tablas, pandeiros, violino eletrônico, seis cordas a serviço de ótima música. (M.D.)

Bom samba também há em São Paulo, não só do jovem Quinteto em Branco e Preto, mas de grupos mais antigos como é o Da Melhor Qualidade, de novo disco que chega à praça com aval de Beth Carvalho ("Tenho muito orgulho de ser amiga deles, de cantar com eles"), de Nelson Rufino e Arlindo Cruz, entre outros. Primeiro time também no acompanhamento (Cláudio Jorge, Gordilho, Esqueleba, Mauro Diniz), na produção e arranjos (Ivan Paulo), no repertório que vai de Dona Ivone Lara a Paulinho da Viola, de Cartola a Luizinho SP. Quando o Samba E Samba é o nome do disco, lançamento Abril Music. (M.D.)

A ideia do compositor e produtor Ronaldo Bastos era ouvir as canções do Clube da Esquina com toque de bossa nova e pinceladas jazzísticas. Para realizar o desejo, convidou o guitarrista, violonista e compositor mineiro Afonsoinho, *Nossem Esquinas de Minas - O Som do Barzinho. E do Afonsoinho* (Dubas), trabalho delicado e inteligente do cantor, instrumentista e professor que foi da banda Hanot Hanot e gravou outro disco, pelo mesmo selo, *ZamZam*, no ano passado, vai de composições próprias. Aqueles clássicos — *Nada Será como antes*, *Cravo e Canela*, *Cuidador da Mim* — em deliciosas e sofisticadas versões. (M.D.)

Músico de Lella Pinheiro, Toquinho, Jane Duboc, o pianista, percussionista e arranjador Keco Brandão lança o primeiro solo, um trabalho arrojado, complexo, *Talanã - Música Americana* (Lua Discos) é um belíssimo trabalho de recriação de canções dos índios lakotas, dos Estados Unidos, e dos brasileiros xavantes. Conta com participação especial de Mônica Salmaso, Virgínia Rosa, Marli Miranda, Laila Barboza, Simone Guimarães e de músicos do porto de Guello (perussão) ou Teço Cardoso (flautas). Trabalho bellissimo sobre tema nem sempre bem explorado, é um dos grandes discos do ano. (M.D.)

Do alto de seus 82 anos, cantando como sempre, classe e nobreza que o transformaram num dos grandes intérpretes do samba de todos os tempos, Roberto Silva lança novo CD, *Volta por Cima* (Universal), em que interpreta Nelson Cavaquinho, Paulo Vanzolini, Chico Buarque, Ary Barroso, Sinhô, Bororé e outros indispensáveis, com participação especial de Caetano Veloso no seu (de Roberto) grande sucesso, *Jaracy* (Antônio Almeida e Cyro de Souza). Na contracapa, diz Zeca Pagodinho: "Dos grandes mestres que me foram mostrados... fala de Roberto Silva" — mestre de todos num disco rigorosamente indispensável. (M.D.)

A fina flor da tradição no palco

IRLAM ROCHA LIMA
DA EQUIPE DO CORREIO

Quem for de hoje a sexta-feira, às 21h, ao Clube do Choro assistirá à apresentação do mais antigo grupo de choro em atividade no Brasil: o Época de Ouro, criado por Jacob do Bandolim em 1964. São remanescentes da formação original Jorginho do Pandeiro, Carlinhos (violão de seis cordas) e César Faria (violão de sete cordas), pai de Paulinho da Viola. Os demais integrantes são Ronaldo do Pandeiro e Dino Sete Cordas.

"O Dino, fundador do Época de Ouro, esteve com a gente até o começo do ano passado, quando gravamos o CD comemorativo

dos 40 anos. Deixou o grupo por problemas de saúde", conta o pandeirista Jorginho, atual líder.

No show do Clube do Choro, além da homenagem a Ary Barroso, patrono do projeto *O Brasil brasileiro*, haverá tributo a Jacob do Bandolim, que morreu há 35 anos. De Ary se ouvirá *Aquarela do Brasil*, *Morena boca de ouro*, *No tabuleiro da baiana* e *Risque*.

ÉPOCA DE OURO

Show do grupo carioca, de hoje a sexta-feira, às 21h, no Clube do Choro (Eixo Monumental, ao lado do Centro de Convenções Ulysses Guimarães), pelo projeto *O Brasil brasileiro* de Ary Barroso. Ingressos: R\$ 10,00 e R\$ 5,00 (estudantes). Informações: 327-0494.

A homenagem a Jacob do Bandolim será com clássicos de sua autoria, que eles regravam em disco a ser lançado até o fim do ano pela gravadora Biscoito Fino. Nele, reverenciam também outro grande mestre, Pixinguinha. Jorginho cita *Noites cariocas*, *Doce de coco*, *Teme-treme*, *Lamento e Ingênuo*. E aponta como determinante para a permanência do Época de Ouro em atividade e sempre aplaudido o fato de se manterem fiéis ao choro autêntico. "Os acordes e tons originais, sem qualquer tipo de alteração, são marcas registradas do conjunto. Nunca quisemos transformar o choro em jazz ou outras bossas, como fazem alguns músicos e grupos. Respeitamos o trabalho de cada um, mas nossa praia é a tradição", conclui Jorginho.



O CONJUNTO ÉPOCA DE OURO EMENDA CANÇÕES DE ARY BARROSO COM CLÁSSICOS DE MESTRES COMO JACOB DO BANDOLIM

Cristina Saraiva faz ode ao belo

A poesia de Cristina Saraiva é limpa. As letras recuperam o zelo com o belo. Não à toa, a compositora reuniu time dos sonhos em torno do disco *Só canção*. Estão lá o mestre Chico Buarque e intérpretes de gerações diversificadas. Ná e Dante Ozetti, Clarisse Groova, Paula Santoro, Renato Braz, Simone Guimarães, Edu Santana e Leila Pinheiro emprestam suas vozes para dar vida a 12 canções em parcerias luxuosas (Théo Barros e Felipe Radicetti encabeçam o time).

Hoje, em encontro único, a arte de Cristina Saraiva será apresentada aos brasilienses no palco do Sesc 504 Sul, às 21h, com ingressos a R\$ 14,00 (inteira). O show será conduzido pela cantora cearense Aparecida Silvino, com acompa-



CRISTINA FAZ ÚNICA APRESENTAÇÃO NA 504 SUL, ÀS 21H

nhamento do piano de Marcos Vinnie. A compositora, que não canta, fará intervenções ao longo do espetáculo, elogiado no eixo Rio-São Paulo.

O repertório do show é quase coincidente com o álbum *Só canção* (entram apenas duas canções do disco anterior). Quem não conhece o

trabalho de Cristina Saraiva vai encontrar sofisticação musical, na qual melodia e letra se encontram com precisão. A faixa *Mestre Narciso*, interpretada por Simone Guimarães, uma das "mulheres" de Milton Nascimento em *Pietà*, é exemplar. Nela, poesia e música crescem de forma impressionante.

Nas canções de Cristina Saraiva, não há preocupação com modernidades nem misturas. A compositora é até tradicional quando o assunto é criação estética. Nesse sentido, *Só canção* é ode à boa música popular brasileira, dos bons tempos de culto e reverência à MPB. Preste atenção nas canções *Além-mar*, com Clarice Groova, *Só canção*, com Dante Ozetti, *Beijo*, com Simone Guimarães. E deleite-se. (Sérgio Maggior)

CAIXA

CORREIO BRASILIENSE
O JORNAL CAPITAL

CONCESSIONÁRIAS
FIAT
DISTRITO FEDERAL

apresentam

apresentam

Divulgação
Editora Best Seller



Realização



Apoio cultural



Dia | 17/08/04
Terça-feira às 19h30

Conjunto Cultural da Caixa
Setor Bancário Sul
Quadra 4, Lt 3/4
Brasília - DF

com
Jorge Forbes
Psicanalista e escritor

no debate e lançamento do livro

Você quer o que deseja?

Editora Best Seller

Entrada
franca

Retire a sua senha a partir das 18h30 na bilheteria do teatro (cadeiras não numeradas). Capacidade do teatro: 400 lugares

Receba a nossa programação pelo
www.sempreumpapo.com.br
Info: 414-9450

Ministério
da Cultura

